

## Possibilidades para a efetivação da identidade da disciplina de Filosofia por meio da prática de ensino em Filosofia

# 6

*Effective for possibilities discipline of identity of Philosophy through practice in teaching Philosophy*

Rodrigo Diego de Souza\*

Márcia Regina Carletto\*\*

Eloiza Aparecida Silva Avila de Matos\*\*\*

**Resumo:** O presente artigo insere-se no contexto das reflexões sobre a prática de ensino em Filosofia e como essa viabiliza a efetivação da identidade da disciplina de Filosofia e do papel do professor na ação educativa. A pesquisa bibliográfica, com levantamento de literatura e aproximações entre teóricos da educação em Filosofia, objetivou delinear as relações entre os pressupostos filosóficos da educação no ensino de Filosofia, as implicações da historicidade da Filosofia no seu ensino, sinalizando o ensino de Filosofia como investigação, ou seja, capacitando o discente para investigar a realidade. A pesquisa também apresenta os apontamentos da pedagogia histórico-crítica, como possibilidade para o ensino de Filosofia na busca da educação para a emancipação do sujeito. O alcance dos objetivos levou-nos à conclusão da pesquisa, apresentando horizontes para a efetivação da identidade da disciplina de Filosofia na Educação Básica, visando à emancipação dos sujeitos da prática educativa.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia. Emancipação. Filosofia da educação. Pedagogia histórico-crítica.

**Abstract:** This article is within the context of reflections on the practice of teaching philosophy and how this enables the realization of the identity of the discipline of philosophy and the role of the teacher in the educational

\* Docente no Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). *E-mail:* diego\_souzasmd@yahoo.com.br

\*\* Docente no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR. Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). *E-mail:* mrcarletto@utfpr.edu.br

\*\*\* Docente no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). *E-mail:* elomatos@utfpr.edu.br

activity. The literature review, a survey of literature and approaches among educational theorists in Philosophy, aimed to delineate the relationship between the philosophical presuppositions of education in teaching philosophy, the implications of the historicity of Philosophy in their teaching, signaling the teaching of philosophy as research, enabling the student to investigate reality. The survey also shows the notes of the historical-critical pedagogy, as a possibility for the teaching of philosophy in the pursuit of education for emancipation of the subject. The achievement of objectives led us to the conclusion of the research, presenting horizons for the realization of the identity of the discipline of Philosophy in Basic Education, aiming at the emancipation of the subjects of educational practice.

**keywords:** Teaching Philosophy. Emancipation. Education of Philosophy. Historical-critical pedagogy.

## Introdução

O caminho percorrido nesta pesquisa foi buscar a importância da Filosofia como prática reflexiva no contexto educacional, não como transmissão de conteúdos, mas como o verdadeiro sentido do filosofar, ressignificando o ensino de Filosofia. Porém, ao pensar o ensino de Filosofia, notadamente, percebe-se numa análise entre filosofia e educação ou filosofia da educação, como sendo um par de conceitos, em amplitude semântica e multiplicidade de tratamento, parecendo sofrer de certa sobreposição de identidades.

Entretanto, em que consiste a Filosofia da educação? Ao longo do percurso acadêmico, e sobretudo nesse período de pós-graduação, percorremos publicações sobre o tema e a constatação é que essa questão assume formulações teóricas bastante distintas, dependendo daquilo que se entende por filosofia, o seu ensino, e do que se entende por educação.

Segundo Weffort (2010), a conclusão que podemos ter, apesar das inúmeras perspectivas filosóficas de abordagem, é que está claro que uma filosofia da educação não pode se esquivar de filosofar sobre a educação. O filosofar não se caracteriza apenas pela busca de uma definição conceitual para a educação, mas de uma investigação e discussão das concepções de educação adotadas ao longo da história. Num sentido mais amplo, podemos afirmar que é tarefa da filosofia da educação analisar e problematizar os conceitos que constituem o campo semântico daquilo que denominamos *educação*.

Direcionando para as perspectivas da filosofia na educação ou quando falamos em filosofia no contexto educacional, enfrentamos desafios que vão além da mera exigência do domínio de conteúdos e técnicas de ensino, e requerem uma autorreflexão crítica. (ADORNO, 1995, p. 121). Sendo assim, diante dos cenários da atualidade, nos quais a disciplina de Filosofia está inserida, tomaremos como aporte teórico as contribuições de Demerval Saviani, visando às possibilidades para a efetivação do ensino de Filosofia na Educação Básica.

Sendo assim, a pesquisa traçada neste artigo nasce das problemáticas do cotidiano da educação em Filosofia no Ensino Médio, onde a identidade da Filosofia (como disciplina) muitas vezes passa despercebida. O desenvolvimento da pesquisa deu-se com a análise da prática de ensino em Filosofia, com levantamento de literatura, apresentando os pressupostos filosóficos da educação no ensino de Filosofia, sinalizando às possibilidades de efetivação da identidade do ensino de Filosofia, por meio da pedagogia histórico-crítica de Saviani e as implicações da historicidade da Filosofia no seu ensino. Tendo por objetivos a reflexão sobre a prática do ensino de Filosofia, propondo possibilidades para a efetivação do ensino de filosofia como crítica dos conteúdos para o docente e como emancipação para os alunos entendidos como sujeitos críticos.

### **Pressupostos filosóficos da educação no ensino de Filosofia**

Podemos considerar como papel fundamental da Filosofia na Educação Básica o exercício à crítica dos conteúdos e ideias que elaboramos no caminho que trilhamos em busca da verdade. Entretanto, a Filosofia e sua atividade é uma tentativa de desmitificação dos falsos sentidos e dos falsos significados do mundo, impostos por possíveis ideologias e padrões apresentados em uma sociedade plural.

A efetivação da Filosofia na educação se dá no exercitar a crítica aos conteúdos e às ideias que historicamente elaboramos e às quais atribuímos valor. Por meio disso, é preciso que a Filosofia desvende e desvele os significados da realidade, que não são mais que produtos ideológicos (ou não) que exercem domínio sobre o ser humano.

Nesse caminho, a Filosofia se lança na direção da verdade. Ela é um espaço que procura abrir caminhos no horizonte da descoberta de ser e de estar-no-mundo. É uma espécie de conhecimento do ser que nunca se esgota, mas se realiza como desvelamento e ocultação do próprio ser.

Esse caminho é a busca pela verdade, ou seja, é um horizonte do humano que se manifesta pela busca incansável de seu encontro. É um ensaio diante do ser, na sua manifestação de liberdade para a compreensão do mundo.

Para Saviani, autor que mais nos chama a atenção a esse vínculo entre educação e Filosofia, a educação tem como característica ser revolucionária na medida em que se fundamenta na crítica à sociedade e à escola burguesa. (SAVIANI, 2008). Ela deve contribuir para que os educadores adotem uma atitude filosófica e reflexiva para com a problemática educacional. A Filosofia não pode ser considerada um pacote de conteúdos acabados que devem ser ensinados, mas demanda do professor uma atitude metódica que lhe possibilite um enfrentamento crítico da realidade educacional, da qual ele é parte, ou seja, “o ensino de filosofia não pode se dar como algo acabado e externo a quem ensina, bem como não se pode ensinar filosofia fora de uma prática filosofante”. (KOHAN, 1998, p. 96).

Nesse caminho, Saviani parte dos pressupostos teóricos do materialismo histórico-dialético e da epistemologia contrária à epistemologia positivista burguesa. Segundo essa concepção, o homem é um ser histórico que produz e se reproduz no seu relacionamento com a natureza e com os outros homens. Ao produzir, o homem busca suprir necessidades postas pela própria existência. Surge daí a necessidade de conhecer, criar e trabalhar. (SAVIANI, 2008; SAVIANI, 2005).

O trabalho é organizado socialmente de tal forma que pode ser colocado como fonte de libertação ou como fonte de exploração, alienação. O homem alienado é o homem negado. Por isso, ele precisa conhecer a realidade em que vive e tomar consciência de sua condição histórica com vistas à libertação. Decorre daí a importância incontestável do acesso ao conhecimento historicamente produzido.

A concepção histórico-crítica de educação é aquela que defende a centralidade do ensino como forma de democratização do saber elaborado sem o qual não há libertação. A concepção educacional de pedagogia histórico-crítica busca explicar o homem como ser histórico. Decorre dessa necessidade a busca por uma prática pedagógica coerente que não caia nos determinismos e modismos das pedagogias burguesas.

Uma questão fundamental para essa prática pedagógica é distinguir o aluno empírico do aluno concreto. (SAVIANI, 2005). Atender às

necessidades do educando sem fazer tal distinção pode significar o agravamento de sua condição de não homem.

O aluno empírico é aquele que se apresenta diante do professor, na sala de aula. Suas necessidades imediatas solicitam uma ação também imediata que pode não contribuir para sua superação como homem. O aluno concreto é o aluno entendido em sua totalidade como ser histórico, e as necessidades do aluno concreto encontram explicação na totalidade das relações sociais nas quais está inserido. Entende pela explicitação das múltiplas determinações. (SAVIANI, 2005).

Assim, a finalidade da Filosofia no contexto educacional, primeiramente, é romper com o habitual, com uma espécie de recusa em aceitar o mundo como um dado pronto e acabado; é identificar o caráter de verdade única que marca os saberes e as práticas escolares e levantar questões contra as ilusões e ideologias a eles inerentes.

Educar é uma atividade complexa que está submersa em crenças e valores, nem sempre fáceis de serem assimilados. Isso se torna um desafio para a Filosofia no contexto educacional. Outro desafio é o da filosofia da educação que interroge e se contraponha aos processos de padronização e liquidação de indivíduos, produzido pelo meio cultural<sup>1</sup> e que se faz presente nas instituições educacionais.

Contra essa condição cultural, Silva e Pagni (2005) afirmam que a Filosofia da educação tem que interrogar o sentido da oposição entre a formação, as ideias e as práticas dominantes, avaliando seus pressupostos e suas implicações para o processo formativo. A Filosofia da educação deve denunciar seu caráter antidemocrático, que preserva as desigualdades sociais, transforma a reflexão em entretenimento e disciplinas formadoras em cultura de massas.

No entanto, a Filosofia da educação nunca pode ser pensada de forma isolada; deve vir sempre acompanhada das demais ciências para desenvolver e favorecer modos de pensar menos rígidos, do que o trabalho

---

<sup>1</sup> Esse meio cultural é chamado por Adorno e Horkheimer (1985) como “indústria cultural”. A função da indústria é justamente a veiculação de uma ideologia dominante, capitalista. Para Adorno, a exploração sistemática é exploração de bens. A indústria cultural, além de adotar seus produtos para o consumo das massas, acaba determinando o próprio consumo. Os homens são reduzidos, assim, a consumidores e empregados, todos subordinados aos interesses dessa indústria cultural. Aliada à ideologia capitalista, a indústria cultural contribui de maneira eficaz para a falsificação das relações entre os homens, bem como desses com a natureza, de tal modo que o resultado final constitui um não esclarecimento, criando mitos e fantasmas.

do pensamento e do conceito, pois esse é sempre limitado, e não há caminho fácil para a definição de Filosofia, pois estamos sujeitos a reduzir as atividades do pensar a esquemas e a clichês.

A Filosofia da educação deve pôr em *questão* as formas de pensar, ou seja, tem como função colocar em dúvida os conceitos prévios que naturalizam e impedem o estranhamento diante do mundo. Esse é o grande desafio da escola na atualidade, pois, com base em uma Filosofia da educação, devemos pensar toda a prática educativa, a emancipação, a construção da autoconsciência e a formação cultural.

### **O ensino de Filosofia como investigação: contribuições da pedagogia histórico-crítica como metodologia de ensino**

É possível compreender a Filosofia como atividade de investigação, já que isso nos leva a entendê-la não a partir de seus conteúdos, mas de seus processos. Não é possível sustentar um estatuto absoluto para o resultado das reflexões filosóficas. No entanto, o ensino da Filosofia, com a apresentação e a compreensão dos sistemas, das ideias, dos argumentos que a tradição nos traz carrega um caráter formador intrínseco. Isso seria parte da formação do homem livre. Porém, esse tipo de ensino ignora o pedagógico, o paidêutico, o formativo; não é possível ensinar Filosofia apenas conhecendo a obra de um autor.

Nietzsche já acenou para essa questão no que se refere à educação para a Filosofia.

E, por fim, o que neste mundo importa para os nossos jovens a história da filosofia? Será que eles devem, pela confusão das opiniões, ser desencorajados de terem opiniões? [...] Será que devem aprender a odiar ou desprezar a filosofia? [...] Pense em uma cabeça juvenil, sem muita experiência de vida, em que sistemas em palavras e críticas são guardados juntos e misturados, que aridez, que selvageria, que escárnio, quando se trata de uma educação para a Filosofia. Mas todos reconhecem que não se educa para ela, mas para uma prova de filosofia, cujo resultado é que quem sai dessa prova confessa a si mesmo como um profundo suspiro: não sou filósofo, mas cristão e cidadão do meu Estado. (1978, p. 81).

Nesse pensamento de Nietzsche (1978), podemos concluir que o ensino de Filosofia a partir da própria Filosofia não se sustenta

pedagogicamente, apenas exige que a formação esteja completa, de modo que a Filosofia seja compreendida em sua importância para que a importância do filósofo seja compreendida.

No campo educacional, a Filosofia deve ser apresentada como capaz de desenvolver capacidades fundamentais de análise, de leitura, de abstração e de conhecimento. Porém, a Filosofia não pode se furtar do seu papel primordial: ter o pensamento investigativo em movimento e ato.

Retomando a concepção histórico-crítica, para uma Filosofia *da* e *na* educação, Saviani (2008) propôs cinco passos a considerar:

- 1) *prática social como ponto de partida*: O homem é um ser social e essa é a condição pela qual produz, se reproduz e produz o saber científico. Sem a explicitação da prática social não há como fazer da ação humana uma prática transformadora, tampouco se poderá fazer do conhecimento um instrumento de emancipação;
- 2) *problematização da prática social*: A prática social não corresponde a uma determinação *a priori*, imposta pela natureza. Necessita-se problematizá-la para buscar, na totalidade das contradições históricas, uma resposta para a ação, o ensino e a aprendizagem;
- 3) *instrumentalização*: Consiste no ensino, no acesso ao conhecimento explicitador da realidade em questão. O conteúdo a ser ensinado não é definido *a priori*, posto de forma arbitrária ou mecânica. Ele tem como finalidade a explicitação da prática social anteriormente confusa, desconhecida;
- 4) *catarse*: É o momento da transformação do não saber em saber. Consiste na superação do senso comum pelo conhecimento elaborado; e
- 5) *retorno à prática social*: Significa a possibilidade de intervir na realidade porque o conhecimento dela possibilitou compreendê-la e pode orientar uma nova ação. Esses passos ocorrem num processo dialético. Não se pode fazer deles uma didática no sentido positivista e pragmático, tomando-os como passos distintos e mecânicos.

Isso requer, ainda, a atividade metódica de questionar de forma rigorosa que nos leve à ideia de que as definições, as verdades, são sempre limitadas, e que a compreensão da realidade social não se deixa penetrar

por discursos fáceis. Filosofar não é ficar com a cabeça nas nuvens; é uma atividade humana da indagação e reflexão, visando investigar as razões, o sentido e a finalidade do pensar, agir e dizer.

A atividade filosófica não se separa do ato de viver; assim, a Filosofia *na* educação ou *da* educação faz sentido quando toma como objeto de sua reflexão a prática educativa escolar, tendo em conta que essa é uma prática social e que constitui também a finalidade do processo formativo profissionalizante. Ela não é uma busca de racionalidade ôntica. Ao contrário, a racionalidade é uma construção histórica, criada pelos homens e que continuamente precisa ser recriada, reavaliada e reorientada, implicada na prática formadora que tende a intensificar a busca e a expressão de novas possibilidades de ser e de agir.

É preciso quebrar a inércia que é constitutiva de toda instituição que quer perpetuar o seu ser. A Filosofia, no contexto educacional, tem este papel: contribuir para quebrar essa força, ou seja, a inércia. Isso significa a nossa recusa em aceitar o mundo como um dado pronto e acabado. Isso nos permite identificar o caráter de verdade única que marca os saberes e as práticas escolares e levantar questões contra as ilusões e ideologias a eles inerentes.

Porém, toda essa busca não pode ser vista de modo isolado; é preciso olhar a Filosofia no contexto educacional, em sua historicidade.

## **A historicidade da Filosofia e suas implicações no ensino de Filosofia**

O filosofar em educação deve ter como condição a historicidade. Isso significa a sua própria compreensão, seus métodos, seus problemas e perguntas, se constituem e variam de acordo com o contexto histórico de referência. (KOHAN, 1998, p. 106).

Certamente, a historicidade da Filosofia nos permite filosofar no presente. Com isso, temos claro que não basta apenas ensinar Filosofia no seu contexto histórico e que não é possível filosofar em educação sem voltar o nosso olhar à sua própria história. É sempre necessário estabelecer um diálogo de forma a estabelecer o filosofar e a não tratar a Filosofia da educação como algo acabado. No entanto, é preciso dar maior atenção aos problemas filosóficos que são problemas para os nossos alunos, questões essas que naturalmente os preocupam.

No aprendizado filosófico, caberá ao docente sugerir leituras que possam ser utilizadas como ponto de apoio para os passos seguintes, corrigir as falhas de argumentação e estimular o debate filosófico entre os alunos.

A Filosofia, no entanto, para ser concebida de modo a transcender as filosofias, precisa ser entendida desprovida de conteúdo e como movimento. Segundo Kant, no filosofar, fazemos uso da razão, de modos de pensar, mas não sabemos quais são os bons usos, os usos adequados, pois eles se darão sempre ao final do exercício do pensamento. O material da tradição nos fornece os resultados dessas tentativas, mas não se identificam com a própria Filosofia. (KANT, 1996).

A Filosofia, em sua realidade ativa, não existe de forma acabada. Ela é um horizonte de possibilidades. Na educação, o seu papel será justamente o de formar para a incompletude. Ela é formadora por encarnar o princípio de formação desprovido de *tellos*. É finalidade sem fim, que se apresenta como atividade ininterrupta e comunicação de seus itinerários, exigindo como condição o ambiente paidêutico, formador. É no processo educativo que encontramos a atividade humana.

### **Considerações finais**

A Filosofia se apresenta como conteúdo filosófico e como exercício que possibilita ao estudante desenvolver o próprio pensamento. Sendo o ensino de Filosofia um espaço para análise e criação de conceitos, que une a Filosofia e o filosofar como atividades indissociáveis que dão vida ao ensino dessa disciplina com o exercício da leitura e da escrita.

A descrição do ensino de Filosofia presente no parágrafo anterior pode ser caracterizada como utópica ou expectativa, porém concluímos com esta pesquisa a proposição de possibilidades para a efetivação da identidade da Filosofia por meio da prática de seu ensino.

Pensar a historicidade da Filosofia na prática de ensino de Filosofia é apresentar significados à realidade dos alunos, significados que os discentes, como protagonistas da ação educativa, constroem por meio da crítica sobre os conteúdos e as ideias.

Ao professor de Filosofia cabe desenvolver uma educação transformadora, a mobilização dos conteúdos, fundamentado nos pressupostos filosóficos da educação e amparado por metodologias de ensino que viabilizem a ação docente e a aprendizagem do aluno,

aprendizagem essa que consiste na formação do aluno para a cidadania e a leitura crítica da realidade, proporcionando a emancipação deles (sujeitos da prática educativa).

## Referências

- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BRASIL. *Ciências Humanas e suas tecnologias*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio v. 3).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: que é esclarecimento?* In: \_\_\_\_\_. *Textos seletos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- KOHAN, W. Filosofia de la educación: a la búsqueda de sentidos. *Educación e Filosofía*, jul./dez. 1998.
- NIETZSCHE, F. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In: \_\_\_\_\_. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).
- SAVIANI, Demerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 2008. Edição Comemorativa.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SILVA, D. J.; PAGNI, P. A. Educação e filosofia. In: COSTA, C. J. (Org.). *Fundamentos filosóficos da educação*. Maringá: Eduem, 2005. p. 15-38.
- WELFORT, Luiz Fernando: A matriz clássica da educação: origens e fundamentos do conceito grego de paideia. In: DOURADO, W. A. M. (Org.). *Filosofia contemporânea, investigação filosófica e perspectivas sobre a educação*. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2010. p. 63-89.

---

Submetido em 29 de junho de 2014.  
Aprovado em 11 de setembro de 2014.